Geografia: Ensino & Pesquisa, Santa Maria, v. 12, n. 2, p. 18-26, 2008 ISSN 0103-1538

# GEOGRAFIA E A MÍDIA NA SALA DE AULA.

# GEOGRAPHY AND THE MEDIA IN THE CLASSROOM.

Murilo Souto Alves[1]

Eduardo Schiavone Cardoso[2]

## RESUMO

Este artigo possui como objetivo demonstrar a utilização dos meios de comunicação, em especial das notícias publicadas nos jornais impressos, no processo de ensino/aprendizagem de Geografia. Análise dos meios de comunicação, de sua influência na vida da sociedade, análise da linguagem do texto jornalístico e de que maneira ele pode ser utilizado em sala de aula. Aproximação do conceito científico discutido na escola dos conceitos do cotidiano dos alunos fora do ambiente escolar, incentivando o pensamento crítico ao discutirem as informações que recebem através da mídia. Foram aplicadas algumas atividades em sala de aula envolvendo notícias de jornal e o conteúdo de Geografia do Brasil que resultaram em aulas dinâmicas com intensa participação dos alunos, contextualizando a notícia e o conteúdo geográfico.

Palavras-chave: meios de comunicação; ensino de geografia; contextualização

## ABSTRACT

This article aims show the use of media, special news who was publish in newspapers, in the teach/learn process of Geography discipline. Analyzes of media, their influence on the social life, analyzes journalistic language and who it can be uses in classroom. This article intend approach the scientific concept discusses in class to the student's previous knowledge, as well stimulate student's critic thoughts when discuss the media information. In the realization of this work were done some activities in classroom involving newspaper news and the subject of Brazilian geography discipline that results in dynamic classes with the students' participation, contextualizing the news and geographic content.

Key-words: Media; Geography teaching; Contextualization

[1]Mestrando em Geografia na Universidade Federal de Santa Maria-RS.

[2]Professor Doutor do Departamento de Geociências da Universidade Federal de Santa Maria-RS

## INTRODUÇÃO

Para formar um conhecimento com maior abrangência da realidade e tornar a Geografia cada vez mais próxima do cotidiano dos alunos, o professor pode unir duas fontes de conhecimento: os meios de comunicação e a sala de aula. Este artigo visa demonstrar a utilização do jornal impresso como auxiliar do ensino de Geografia, partindo da análise da notícia publicada, possibilitando que os estudantes investiguem, critiquem e questionem as informações obtidas através da mídia e realizem uma interligação com os conteúdos trabalhados nas aulas de Geografia.

Por fazer parte do dia-a-dia do aluno, as mais diversas formas de mídia possuem importância e influência inconteste na formação do conhecimento e podem auxiliar os estudantes a entender e interpretar o que recebem dos meios de comunicação. As aulas de Geografia possuem excelentes recursos para que haja essa troca, pois se trabalha o homem, o meio em que vivemos, os mais diversos tipos de relações entre eles e seus impactos histórico-sociais. Há a necessidade de saber relacionar o que está sendo noticiado com o conteúdo, estabelecer a ligação entre a mídia e a escola, assessorando o aprendizado e a formação de idéias próprias do estudante em relação ao fato apresentado.

Este artigo ainda pretende transportar o mundo vivido dos alunos para cada vez mais próximo da escola, demonstrando que a Geografia está presente na vida de cada um dos estudantes, pertencendo ao seu cotidiano.

Exemplificando algumas formas de utilização dos meios de comunicação como instrumento de ensino, serão descritas duas atividades aplicadas, e seus resultados. Essas atividades foram empregadas na turma 134-A, do terceiro ano do Ensino Médio, do Colégio Técnico Industrial de Santa Maria-RS (CTISM), localizado dentro das dependências da Universidade Federal de Santa Maria-RS (UFSM). O programa curricular de Geografia abrangia o conteúdo das provas do Programa de Ingresso ao Ensino Superior (PEIES)[3] , organizado pela UFSM. Neste caso, o conteúdo a ser trabalhado é a Geografia do Brasil e todas as suas vertentes.

Para que a interpretação da notícia ocorra da forma como ela é, e não apenas de como ela está sendo apresentada, o ideal é que se faça uma análise do processo de comunicação, do comunicador até o receptor, para que sejam compreendidas as circunstâncias da divulgação e sua repercussão. Isso pode ser observado de forma estrutural no pequeno esquema organizado por Laswell(1977, p.15):

> Uma maneira conveniente para descrever um ato de comunicação consiste em responder às seguintes perguntas:
> - Quem?
> - Diz o que?
> - Em que canal?
> - Para quem?
> - Com que efeito?
>
> O estudo científico do processo de comunicação tende a se concentrar em uma ou outra dessas questões. Aqueles que estudam o "quem?" – o comunicador – se interessam pelos fatores que guiam o ato comunicativo. Essa subdivisão do campo de pesquisa é chamada de análise de controle. Os especialistas que focalizam o "diz o que?" ocupam-se da análise de conteúdo. Aqueles que se interessam pelo rádio, imprensa, cinema e outros canais de comunicação, fazem a análise dos meios (media). Quando o principal problema diz respeito às pessoas atingidas pelos meios de comunicação, falamos de análise de audiência. Se for o caso do impacto sobre as audiências o problema será de análise de efeitos. (LASWELL, 1977, p.105)

Esses passos foram seguidos durante a fase de elaboração das aulas com a intenção de realizar previamente uma análise detalhada das notícias antes de serem apresentadas aos alunos, adquirindo conhecimento do contexto em que ela foi publicada e inserindo esse conhecimento na maneira de aplicar as atividades.

## ENSINO DE GEOGRAFIA

Trazer a Geografia para perto dos alunos é um dos alicerces das propostas atuais voltadas ao ensino desta disciplina, estimulando as dúvidas, os questionamentos, as pesquisas, motivando-os a aprender e estudar Geografia de maneira integral e consciente, de modo que compreendam que ela pertence ao seu dia-a-dia. Sobre a crítica no ensino de Geografia, Vesentini (1995, apud Cavalcanti, 1998) afirma que

> um ensino crítico de geografia não consiste pura e simplesmente em reproduzir num outro nível o conteúdo da[s] geografia[s] crítica[s] acadêmica[s]; pelo contrário, o conhecimento acadêmico [ou científico] deve ser reatualizado, reelaborado em função da realidade do aluno e do seu meio. [...] O ensino de geografia no século XXI, portanto, deve ensinar – ou melhor, deixar o aluno descobrir – o mundo em que vivemos, com especial atenção para a globalização e as escalas local e nacional, deve enfocar criticamente a questão ambiental e as relações sociedade/natureza, [...] deve realizar constantemente estudos do meio.

Os conceitos científicos nas escolas são trabalhados

[3] PEIES é uma modalidade alternativa de vestibular na qual são realizadas provas ao final da 1ª, 2ª e 3ª séries do Ensino Médio. Os alunos melhores classificados ao final dessas 3 provas são aprovados e irão preencher 20% das vagas dos cursos de graduação da UFSM.

através dos conteúdos de cada disciplina, presentes na grade curricular. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino médio (PCN's), organizado pelo Ministério da Educação, com a finalidade de "expandir e melhorar" a qualidade do ensino médio propondo "um currículo baseado no domínio de competências básicas e não no acúmulo de informações", esse currículo deve

> contemplar conteúdos e estratégias de aprendizagem que capacitem o ser humano para a realização de atividades nos três domínios da ação humana: a vida em sociedade, a atividade produtiva e a experiência subjetiva, visando à integração de homens e mulheres no tríplice universo das relações políticas, do trabalho e da simbolização subjetiva. (BRASIL, 1999, p.29)

Os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio possuem o objetivo de aproximar a Geografia para o "mundo real", ou seja, que a Geografia faça parte da vida do aluno não apenas na escola. Que ela se torne útil no dia-a-dia de cada um e que lhes ajude na formação do pensamento crítico, fundamental para que a sociedade possua cidadãos ativos e participantes.

A Geografia tem presença ativa na vida de todas as pessoas, seja através de relações econômicas, políticas e culturais entre os homens, seja através de impactos ambientais causados por fenômenos da natureza ou pelo próprio homem, podendo prejudicar a si mesmo. É preciso que essa presença seja alardeada, estimulando os alunos a possuírem interesse pelo saber geográfico, demonstrando que ele faz parte da sua vida. Possibilitando que os alunos raciocinem geograficamente e observem que a Geografia está constantemente perto de todos.

Nessa perspectiva, se faz necessário que sejam ultrapassados os limites impostos pelos conteúdos e que se vá muito além deles. Memorizar conceitos ou decorar fórmulas, nomes e datas, não significa que houve a compreensão do que foi discutido em sala de aula. Faz-se necessária a contextualização do conceito científico, demonstrando na prática através de exemplos reais e várias atividades, qual o seu significado para que se torne possível a sua compreensão. Cavalcanti (1998, p.133) entende que dessa forma haverá uma maior aproximação entre a Geografia e o aluno, e ainda afirma que

> para superar o formalismo didático no ensino de Geografia é preciso, entre outras coisas, que seus agentes – professor e alunos – estejam realmente envolvidos no processo de ensino, o que requer do professor a organização de atividades levando em conta as necessidades individuais e sociais dos alunos, as condições concretas em que o ensino se realiza e os modos mais adequados de tratamento dos conteúdos para que os alunos estejam em atividade intelectual permanentemente e possam, assim, construir seu conhecimento. Nesse raciocínio, um dos caminhos para aquela superação é o de buscar clareza quanto à utilidade dos conhecimentos que a Geografia veicula para a vida das pessoas em geral e para a dos alunos. (CAVALCANTI, 1998, p.133)

Havendo essa contextualização torna-se possível o ensino crítico de Geografia. Este, por sua vez, deve possibilitar que o estudante conheça o mundo em que vive em todos os aspectos da relação da sociedade com a natureza, interpretando as informações a que tem acesso de maneira correta e reconhecendo como estão presentes na sua vida.

## OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO NA SALA DE AULA

Conforme Lamounier (2006), a cultura de massa é resultado da Indústria Cultural. Ainda segundo essa autora, entende-se Indústria Cultural como sendo "fruto de uma sociedade industrializada, de tipo capitalista liberal", sendo caracterizada como uma "sociedade de consumo". Ou seja, Indústria Cultural é tudo o que é produzido pelo sistema industrializado de produção cultural (meios de comunicação de massa) sendo organizado de modo que possa influenciar comportamentos, aumentar o consumo, transformar hábitos, educar, informar, desejando atingir uma significativa parcela da população.

Mas, ainda segundo Lamounier, o simples fato de existir uma mídia capaz de introduzir uma mensagem que chegue até um grande número de pessoas não é suficiente para explicar a existência de uma Indústria Cultural e de uma cultura de massa. Para isso é necessário que ocorra a assimilação da mensagem pelo público e a transformação de valores e comportamentos, através de atos, modos e idéias de forma inconsciente e reiterada.

Essa interferência da mídia é demasiadamente elevada. Ao direcionar o pensamento das pessoas, em benefício de alguém, ou de uma parcela da sociedade, ou de uma ideologia, ela estará interferindo diretamente na vida de cada um dos consumidores dessas informações, alterando as suas relações sociais, transformando a relação de comunicação entre as pessoas.

O que foi publicado tem caráter público e social, pois irá atingir a toda sociedade. Assim sendo, o autor envia para todos as suas idéias, que podem estar embutidas no relato dos fatos. Stone relata que "um texto representa o autor e a situação social em que o texto foi produzido; se também constituir um documento social significativo, servirá inclusive de quadro de referência a futuras percepções e ações." (STONE, 1977, 319)

Os conflitos entre os meios de comunicação e a escola

não são recentes e muitos autores já discutem sobre essa relação. A televisão é o meio mais criticado por trazer obstáculos para o aprendizado dos estudantes. Porém, ao invés de reclamarmos da TV, como ela sendo a grande inimiga do processo educacional, devemos trazê-la para o nosso lado, utilizando-a como instrumento de ensino. Sobre a utilização da TV na escola, Albuquerque (2002, p.343) comenta que

> a televisão vem sendo analisada por teóricos de diferentes áreas, ao longo de muitos anos, como o bode expiatório de algumas mazelas da modernidade. Então, é lugar-comum falar mal da televisão. [...] Acreditamos que é possível encontrar alternativas que não sejam necessariamente determinadas por essa dicotomia. É nessa perspectiva que nos apoiamos nas teorias que analisam a televisão, do ponto de vista do receptor. Acreditamos que tal abordagem possa trazer, para a escola, outro olhar para a televisão, a partir de um ângulo diverso do que encontramos hoje, em que ela é vista como concorrente do trabalho pedagógico. A relação televisão/sala de aula vem ao longo dos anos sendo arrastada para o futuro. Cremos que é chegado o futuro. É esse o momento para aproveitarmos o que se imagina ser concorrência e torná-la cumplicidade. (ALBUQUERQUE, 2002, p.343)

No artigo de Albuquerque, intitulado "Escola e televisão", dá-se mais ênfase a televisão. Mas partindo do entendimento que a TV é um instrumento de comunicação assim como o rádio, a revista, o jornal e a internet, podemos utilizar os mesmos preceitos para os demais meios.

O instrumento de comunicação escolhido para a elaboração deste trabalho, visando contextualizar as aulas de Geografia do Brasil, foi o jornal impresso e suas notícias. Esta escolha se deve ao fato de que este é o meio que está mais ao alcance de professores e alunos por ser menos oneroso e, também, por utilizar textos e imagens que poderiam facilmente ser utilizadas em salas de aula, necessitando apenas de algumas cópias das notícias utilizadas. Essa facilidade de utilizar os jornais e a ocorrência de uso desses por parte dos educadores pode ser conferida em Guimarães (2003, p.30) quando afirma que

> a utilização de jornais e revistas nas aulas de Geografia é bastante comum por parte dos professores. [...] Isso ocorre porque, além desse tipo de material ser valorizado pelos docentes, tanto o acesso a ele como a maneira de trabalhar com ele em sala de aula são bem mais simples do que em relação a TV e vídeo. Para trabalhar com jornais e revistas os professores não precisam enfrentar as dificuldades de gravar o programa ou consegui-lo em locadoras de vídeo, em outras instituições ou ainda com terceiros. Além disso não precisam passar pela desgastante tarefa de reservar a sala de projeção ou, como em muitas escolas, levar o equipamento para a sala de aula. (GUIMARÃES, 2003, p.30)

Ao invés de obrigar os alunos a lerem e tentarem interpretar apenas textos didáticos, o professor pode fazer uma associação do texto escolar conteudista com notícias publicadas no jornal impresso. Os docentes, ao levarem as notícias para a sala de aula, devem auxiliar o aluno a interpretá-las, desvencilhando-se de interesses externos, procurando as diversas leituras possíveis do mesmo fato.

A pequena parcela que detém em suas mãos os principais instrumentos de comunicação, entre eles o jornal impresso, pode inserir, camuflados na mensagem publicada, seus anseios e desejos. Para isso, utilizam-se da linguagem com funções diferenciadas, dependendo do enfoque que pretende dar ao anunciado. Na maioria das funções de linguagem, que podem ser incluídas abertamente ou de forma velada no texto jornalístico, está presente um elemento muito importante na reprodução da mensagem: a persuasão. O discurso persuasivo pode ocorrer de maneira indireta ou direta e, hoje em dia, é muito difícil que haja algum órgão de comunicação que não tenha a persuasão inserida na sua mensagem, independente da mensagem que pretende transmitir. Citelli (2005, p.44) nos diz que o discurso persuasivo "pode formar, reformar ou conformar pontos de vista e perspectivas colocadas em movimento por emissores/enunciadores". Sendo assim, sua capacidade de influenciar na vida das pessoas é consideravelmente grande, pois ele age diretamente no pensamento crítico dos indivíduos. O elemento persuasivo está presente na maioria dos discursos e, consequentemente, nos textos jornalísticos.

O reflexo disso pode ser percebido na sociedade e sua reação perante esses discursos. O modo como cada indivíduo assimila a informação divulgada irá ditar os rumos da sociedade. A questão da transformação do real significado do que está sendo enunciado é um dos fatores mais importantes do discurso persuasivo, pois ele atinge de forma profunda a todos receptores da mensagem.

Ler com atenção o texto jornalístico é fundamental para a sua compreensão. A utilização dos conceitos científicos fará com que o educando consiga visualizar o conteúdo geográfico na notícia, compreendendo termos utilizados no texto divulgado, estabelecendo relação entre a notícia e o conteúdo, contextualizando-os para que sejam compreendidos num todo e tenham capacidade de formar opinião própria sobre o que foi discutido.

Desse modo evita-se que informações erradas passem despercebidas e podem ser completadas as possíveis lacunas deixadas pelo autor do texto, suprimindo-as através dos questionamentos e da pesquisa. Mas também não se pode pensar que tudo que está escrito no jornal

possui falhas ou quer nos encaminhar para alguma direção proposta pelo autor. Ele pode estar simplesmente divulgando os fatos como eles ocorreram, cabendo ao leitor fazer apenas a interpretação.

As notícias de jornal são uma ótima oportunidade para os professores debaterem com os alunos a maneira como eles percebem o mundo em que vivem, compreendendo as relações do homem com a natureza, as relações do homem em sociedade e, também, as conseqüências dessas relações na formação do espaço vivido por esses alunos.

Ouvir os estudantes é importante para que o educador saiba se está sendo compreendido por toda a turma. Às vezes, nas palavras de Kaercher (2000, p.139), "propomos a aula em 'FM' e eles entendem em 'AM' [ou vice-versa]". O diálogo na sala de aula, entre a turma e o professor, é importante para que o processo educacional ocorra de maneira completa. Não bastam apenas as palavras do professor à frente da turma, deve haver também as palavras dos estudantes comentando ou tirando dúvidas a respeito do que foi proposto para a aula em questão. Com a utilização do jornal em sala de aula, essa participação dos alunos tende a ser mais intensa, pois terão anseio por compreender de modo completo o que está sendo lido no jornal.

O estudante também pode demonstrar seu poder de criação, de construir sua própria linha de raciocínio, tendo opinião própria sobre o que quer que seja. Assim, o processo educacional terá suas metas alcançadas, pois, segundo Kaercher (2000, p.142), um dos objetivos do ato de educar é "estimular a capacidade de expressão e criação de cada cidadão". Atingir esse objetivo é algo cada vez mais cobrado pela sociedade em relação às escolas.

Ao realizar qualquer atividade em sala de aula, o professo, além de possuir um espírito inovador, deve ter segurança para aplicar tal atividade, saber o que se pretende com o exercício e procurar capturar ao máximo a atenção dos estudantes. Quando é utilizado um material diferenciado em sala de aula, o jornal por exemplo, o educador amplia a sua capacidade de educar, de transmitir conhecimentos, de auxiliar na formação do pensamento crítico do aluno na relação ensino/aprendizagem.

Essa interação entre as formas de conhecimento traz benefícios para ambos os lados. Os professores conseguirão tornar suas aulas mais dinâmicas e atraentes, incrementando seu diálogo com a turma de alunos por estar tratando de assuntos que fazem parte da rotina diária desses estudantes. Estes se sentirão mais estimulados a estudar algo que está mais próximo do que lhes parecia, percebendo que a escola faz parte de sua vida e o que está sendo discutido em sala de aula será aproveitado também no seu dia-a-dia.

## ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

### GEOGRAFIA E VIOLÊNCIA URBANA

Na primeira das atividades aplicadas utilizando notícia de jornal impresso, foi relacionado o conteúdo programado para aquela aula, os problemas sociais da população brasileira, com uma notícia que houvesse sido publicada em jornal brasileiro que tratasse de algum modo desses problemas. As opiniões e os argumentos que iam surgindo por parte de educandos e educador dariam margem para que, partindo de um tema, fossem englobados vários outros aspectos que estão associados direta ou indiretamente com o assunto.

O tema da violência urbana no Brasil foi proposto porque é de relevante importância tratá-lo nas aulas de Geografia, pois ela pode nos auxiliar a entender o atual modelo de urbanização das cidades brasileiras e porque todos podem ser atingidos pela violência. O medo da violência gera transformações na sociedade e no espaço vivido, pois pessoas mudam de atitude com medo de ficarem expostas às ações de bandidos, suas casas deixam de ser casas e passam a ser fortalezas contra o crime. Deve ser levado em conta os possíveis motivos para o crescimento da violência, suas causas e conseqüências sociais e espaciais.

Esta temática se tornou alvo de estudo da Geografia devido às alterações que ela causa na sociedade e no espaço. Dessa forma, concorda-se com Queiroz (2002, p.98) quando afirma que

> refletir sobre a violência urbana e sobre as suas nuances geográficas impõe-se como exercício obrigatório para quem pretende compreender a dinâmica atual da urbanização. A violência que atinge cidades brasileiras deixou de ser um fenômeno localizado e ganhou status de problema nacional. Essa situação tem desencadeado na sociedade urbana um sentimento desmesurado de medo, colocando-a em permanente estado de alerta. Em resposta, ocorrem mudanças significativas no cotidiano das cidades, pela redefinição de atividades, fluxos e comportamentos, portanto, no modo de vida urbano. A percepção dessas mudanças remete à compreensão de que a violência urbana tornou-se uma questão essencialmente geográfica. (QUEIROZ, 2002, p.98)

Antes de distribuir cópias da notícia, houve a inserção do tema da violência urbana no contexto histórico-social brasileiro, demonstrando como esse problema atual pode ser reflexo dos rumos da sociedade brasileira e pode ser fruto de políticas sociais mal elaboradas.

Após essa breve introdução no assunto, foi iniciada a

atividade com a notícia publicada no jornal Zero Hora, dia 20 de setembro de 2006 (quarta-feira). Ela estava localizada na seção policial do jornal e tratava sobre os números da criminalidade no Estado do Rio Grande do Sul. Logo abaixo está reproduzida a notícia publicada no jornal.

> ZERO HORA – 20/09/2006 - Polícia
> Segurança Pública – Estado divulgou ontem os dados do primeiro semestre
> Os números da criminalidade
> Donos de carros precisam redobrar atenção. Números do primeiro semestre de 2006 publicados ontem no site da Secretaria da Justiça e da Segurança (SJS) revelam que o roubo de veículos e o seqüestro relâmpago estão em alta no Estado.
> Em compensação, homicídios (-7,52%) e roubo e furto de celulares (-16,94%) estão em queda.
> No comparativo com os seis primeiros meses de 2005, o roubo de veículos (quando o motorista é atacado) aumentou 22,26%. Se somados aos furtos (quando o proprietário não está no carro), o número de automóveis levados pelos ladrões no primeiro semestre deste ano chega a 16,3 mil – em média, 90 por dia.
> A estatística revela que um carro é alvo de criminosos a cada 16 minutos. Três homens conseguiram superar essa média ontem no bairro Petrópolis, onde roubaram dois carros ao mesmo tempo.
> O Xsara Picasso (IVT-2050) e o Corsa Wind (IED-4632) estavam um na frente do outro na esquina das ruas Caju e Guararapes. Pertencem às primas Vanessa Arruda Braga, 22 anos, e Roselaine Arruda Rodrigues, 39 anos, sócias de uma loja de confecções na Protásio Alves. Assim que entraram nos carros, às 17h45min, os criminosos renderam as duas.
> Roselaine lembrou que queriam leva-la junto, mas desistiram. Se isso ocorresse, a empresária também seria vítima de seqüestro relâmpago, crime que cresceu 23,94% em 2006.
> Já o homicídio segue uma tendência histórica de redução nos últimos cinco anos. De janeiro a junho de 2006 foram 651 mortes, contra 704 em 2005. Mesmo com a expansão dos celulares (80% dos gaúchos têm um) ele é cada vez menos alvo de ladrões. Foram 7064 furtos e roubos neste ano, contra 8505 no ano passado.
> O tenente-coronel João Carlos Trindade, responsável pelas estatísticas, evitou comentar os números. (COSTA, 2006, p.43)

Os alunos organizados em pequenos grupos (duplas ou trios) realizaram a leitura individual da notícia e discutiram no grupo as idéias do texto jornalístico e as impressões que cada um obteve acerca do tema. Os educandos foram incentivados a comentar sobre o que leram e quais as idéias que poderiam ser retiradas do texto. Alguns comentaram a respeito dos crimes que andavam em queda, como o homicídio e o roubo a pedestre, outros preferiram explanar acerca dos crimes em alta, como o roubo de veículos e o seqüestro relâmpago, também houve comentários sobre o medo de sair nas ruas e o receio de serem assaltados a qualquer momento, entre várias outras observações.

A classe em seguida foi indagada com a intenção de obter possíveis relatos acerca da criminalidade na cidade, algum tipo de ocorrido com eles mesmos ou com conhecidos. Infelizmente, muitos haviam vivido ou conhecido alguém que já havia passado pela experiência de ser assaltado nas ruas. Um triste fato peculiar dos relatos feitos pelos alunos é que muitos afirmam que o medo da violência faz com que os cidadãos evitem sair de suas casas.

A partir dos comentários foi discutido sobre o processo de produção espacial e suas tendências que, conforme Queiroz (2002, p.99-100), "diz respeito ao processo de segregação urbana, em parte motivado pelo acirramento das desigualdades sociais, fruto do modelo de desenvolvimento econômico do País". Justamente este ponto foi debatido com mais ênfase na sala de aula. Os cidadãos com menor poder aquisitivo ficando isolados na cidade por não possuírem condições de habitar em lugares com melhor infra-estrutura e mais seguros. Muitos são pessoas desempregadas ou trabalhadores que recebem salários muito reduzidos, o que não lhes dá condições de obter melhores condições de vida.

Cada aluno tinha um exemplo diferente a citar, sempre dentro da sua realidade. Sendo residentes de diferentes bairros em Santa Maria, foi proposto que cada grupo redigisse um texto de até 25 linhas acerca da percepção da violência urbana na cidade, além de outros problemas sociais debatidos em aulas anteriores. Salientando a importância de retratar de que forma a violência atingia o dia-a-dia de cada um e como ela modificava o espaço vivido pela sociedade.

A maioria dos textos entregue tinha em comum a associação da educação com a violência e outros problemas sociais brasileiros. Um dos grupos, por exemplo, destacou "a importância da educação como formadora de um povo consciente de seus direitos e deveres e de uma nação sólida e desenvolvida", afirmando que ela é a base para o desenvolvimento social de uma nação.

Ainda houve outro grupo que ressaltou que na educação estão refletidas as desigualdades sociais brasileiras pois, segundo eles "na atual conjuntura, somente os que tem uma qualificação razoável, oportunidade de ensino, conseguem ingressar no mercado de trabalho" e, a partir daí, foi feita uma associação com o desemprego e a violência.

Todos os comentários, relatos e descrições feitos sobre a violência urbana partiram dos comentários feitos em sala de aula. A notícia de jornal funcionou como instrumento de contextualização do conteúdo e principiou as discussões realizadas entre professor e alunos. A compreensão dos aspectos principais do problema foram

debatidos e analisados e diversos pontos de vista foram levados em consideração. Dessa forma os estudantes foram estimulados a elaborar pensamentos e opiniões sobre o assunto, tendo contato com abordagens diferentes e discutindo as idéias próprias.

Nessa atividade ficou demonstrado que a Geografia pode e deve discutir os aspectos da violência urbana. Na discussão estão embutidas as relações sociais, as características de ocupação e formação do espaço, os aspectos econômicos e políticos que atingem a sociedade brasileira, o modo de produção que acaba gerando a exclusão social dos integrantes das camadas não beneficiadas por ele, entre outros aspectos que estão de acordo com o que diz Rodrigues (2002, p.77) quando afirma que o "tema Geografia e Violência Urbana é importante para pensar a sociedade e o espaço".

## GEOGRAFIA E POPULAÇÃO ECONÔMICA

Outra atividade aplicada empregando notícias de jornal em sala de aula abordou o tema da População Econômica Brasileira. Foram distribuídas as notícias para cada um dos alunos que estavam organizados em pequenos grupos, que depois debateram a notícia. A notícia foi publicada no dia vinte e três de março de 2006, na página 31, no jornal Zero Hora, localizada no setor econômico deste jornal e abordava o crescimento do desemprego na Região Metropolitana de Porto Alegre. Abaixo a notícia está reproduzida na íntegra.

> ZERO HORA – 23/03/2006 - ECONOMIA
> TRABALHO
> Desemprego aumenta na Região Metropolitana
> Em fevereiro, a taxa de desemprego na Região Metropolitana de Porto Alegre aumentou após três meses de quedas sucessivas, passando dos 13,2% da população economicamente ativa [PEA] em janeiro para 13,6%. O número de desempregados aumentou em 7 mil, atingindo 252 mil pessoas, de acordo com a Pesquisa de Emprego e Desemprego na Região Metropolitana de Porto Alegre, elaborada pela Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul, divulgada ontem. No confronto com fevereiro de 2005, a taxa de desemprego registrou queda, passando de 14,3% para os atuais 13,6%. A redução de vagas foi registrada na indústria [que fechou 3 mil vagas], nos serviços, inclusive domésticos, mas cresceu no comércio [onde foram criados 8 mil novos postos] e na construção civil. Nos últimos 12 meses, no entanto, o saldo é positivo. O nível de ocupação elevou-se 3,4%, com a incorporação de mais de 54 mil trabalhadores ao mercado formal. (2006, p.31) (grifo nosso)

Para facilitar maiores explicações foram destacadas algumas partes do texto (na reprodução acima estão em itálico, no texto dos alunos estavam sublinhados) que foram considerados importantes e deveriam receber uma maior atenção, servindo de assistente na interpretação completa da notícia. Havia a intenção de explicar como a Geografia explica esses termos e em que conjuntura eles estão inseridos na notícia.

Logo no seu título já havia um termo que necessitava de uma maior explicação para que houvesse uma melhor compreensão da notícia. O título afirma que "Desemprego aumenta na Região Metropolitana". Entretanto, muitos alunos possuem dificuldades em compreender o que seria uma região metropolitana. Então, segundo Moreira (2000, p.409),

> as regiões metropolitanas foram criadas legalmente em 1974 e 1975, com o objetivo de facilitar o planejamento nas grandes aglomerações urbanas do país. São, na verdade, regiões de planejamento econômico e governamental e caracterizam-se pela reunião de diversas cidades numa única mancha urbana, integração econômica, concentração populacional e grande desenvolvimento. (MOREIRA, 2000, p.409)

Seguindo adiante na notícia aparece outro termo destacado - "taxa de desemprego". Foi explicado o que caracterizava a taxa de desemprego, sendo esclarecido aos alunos a necessidade de ter atenção ao analisar as taxas de desemprego, pois elas podem ser calculada com base em metodologias diferentes.

O próximo destaque na notícia era a "população economicamente ativa (PEA)". Maiores explanações acerca do termo foram dadas em sala de aula, além de explicar o que é População Ocupada e População Desocupada, termos utilizados pelo IBGE para dividir a PEA e, ainda, comentar sobre a População Economicamente Inativa ou Não-Ativa (PEI).

Outro ponto ressaltado na notícia trata sobre a afirmação que a redução de vagas ocorreu principalmente nas indústrias e no setor de serviços, enquanto no comércio e na construção civil as vagas cresceram. Foi considerado importante salientar a existência de diferentes setores da economia e como a PEA está distribuída nesses setores.

O mercado informal também foi discutido em sala de aula. Foi destacado no texto a citação do mercado formal, que é forma legal de emprego, com carteira de trabalho assinada e direitos trabalhistas. Toda a PEA está incluída no mercado formal. Porém, apreciável parcela das pessoas sem emprego, que são incluídas nos dados referentes ao desemprego total, está inserida em outro mercado de trabalho, o informal.

Durante a aula foi debatido com os alunos como que o trabalho e suas relações podem influenciar na formação da sociedade e do espaço, originando transformações territoriais a partir do momento que há ações migratórias

de populações na busca por empregos.

Nesta atividade foram debatidos diversos conceitos relacionados a População Econômica e Trabalho, possuindo a finalidade de demonstrar como a Geografia aborda esta temática do cotidiano. O ponto de partida foi uma breve notícia de jornal que foi contextualizado junto ao conteúdo, servindo como base e exemplo para tornar possível aos educandos melhor compreensão dos conceitos geográficos inseridos no tema discutido e melhor interpretação da notícia em questão, atuando como exemplo para futuras interpretações de outras notícias. Ao final, os alunos puderam constatar que a reduzida notícia possuía mais informações do que se cogitava, verificando a necessidade de qualificar e interpretar a leitura.

## *CONSIDERAÇÕES FINAIS*

Através das atividades desempenhadas na confecção deste trabalho, desde a escolha do tema, da metodologia a ser aplicada, da pesquisa teórica consultando diversos autores e fontes e culminando na aplicação de atividades em sala de aula, verifica-se que foi extremamente proveitoso e eficaz a utilização de notícias publicadas em jornais impressos como meio auxiliar no ensino de Geografia.

Constata-se que, além de possuir ampla influência no cotidiano das pessoas, em especial nos estudantes, os meios de comunicação podem auxiliar no processo educacional. No ensino de Geografia sua assistência é de grande valia, pois demonstra, através de exemplos práticos e reais, os conceitos geográficos que são discutidos e trabalhados em sala de aula. As relações do homem em sociedade e com o meio em que vive e suas conseqüências na formação do espaço são alguns dos alvos do estudo da Geografia. Essas mesmas relações também são fatos que se tornam notícia no mundo.

Porém, ao inserirmos os meios de comunicação no ensino de Geografia, não podemos nos limitar a discutir sobre as atualidades, ou seja, debater apenas o momento. Deve-se utilizar a mídia como um instrumento de ensino, contextualizando sempre o que dela procuramos aproveitar e explicando como ele é abordado e empregado pela Geografia.

As informações recebidas fora da sala de aula podem e devem ser utilizadas pelos educadores dentro do ambiente escolar, como modo de incrementar e incentivar o aprendizado. As reações dos alunos às atividades propostas foram positivas. Ao unir as informações obtidas no cotidiano vivenciado externo à escola com os conceitos científicos trabalhados em sala de aula, percebe-se que o interesse pelo assunto debatido torna-se mais elevado.

Os estudantes procuram conhecer mais detalhes, promove-se a curiosidade, as dúvidas florescem e o diálogo entre professor e aluno se torna mais intenso e saudável. Uma demonstração desse fato são as conversas com os alunos fora do ambiente escolar, quando eles relataram que aproveitaram de modo mais eficiente as aulas de Geografia a partir do momento que foram utilizadas as notícias de jornal. A contextualização do texto jornalístico demonstrou como a Geografia está presente no cotidiano, além de promover debates e discussões em sala de aula, algo que pouco ocorria na escola conforme os próprios educandos.

A Geografia, com a utilização do jornal impresso como meio auxiliar no processo de ensino/aprendizagem, se torna mais presente e real na vida dos estudantes. Passam a enxergar o ensino de Geografia de modo vivo e dinâmico, pertencendo ao seu dia-a-dia, sendo útil para além de fatores escolares. O educador, ao utilizar deste método, consegue dinamizar suas aulas e obter um resultado mais produtivo. As trocas de informações se tornam mais rentáveis e possuem uma maior abragência, não sendo restrita a um determinado assunto.

Formar cidadãos participantes e ativos na sociedade, conscientes de sua importância para os rumos do país, é um dos deveres da educação e a Geografia possui primordial importância nesse processo. O professor da disciplina deve procurar aproximar seus alunos à realidade, desligando-os da idéia que a Geografia que se aprende em sala de aula não combina com o mundo em que vivemos. Necessita-se facilitar seu aprendizado para que sejam criadas possibilidades dos estudantes obterem a percepção que a Geografia está ao seu redor. E os meios de comunicação auxiliam essa demonstração.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, Maria A. de M. de. Escola e televisão. In: OLIVEIRA, A., PONTUSCHKA, N. (Orgs.). Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa. São Paulo: Contexto, 2002.

- BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio. Brasília, 1999.

- CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos (org.), CALLAI, Helena Copetti, KAERCHER, Nestor André. Ensino de geografia – Práticas e textualizações no cotidiano. 4. ed. Porto

Alegre: Mediação, 2000.

- CAVALCANTI, Lana de Souza. Geografia, escola e construção de conhecimentos. Campinas: Papirus, 1998.

- CITELLI, Adilson. Linguagem e persuasão. 16 ed. São Paulo: Ática. 2005.

- COHN, Gabriel (org.). Comunicação e indústria cultural. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

- COSTA, José Luís. Os números da criminalidade. Zero Hora, Porto Alegre, 20 set. 2006. Polícia, p.42.

- DESEMPREGO aumenta na Região Metropolitana. Zero Hora, Porto Alegre, 23 mar. 2006. Economia, p.31.

- FARIA, Maria Alice. O jornal na sala de aula. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1991.

- GUIMARÃES, Iara V. Ensino de geografia, professores e a relação escola/tv. In: ASSOCIAÇÃO dos geógrafos brasileiros. Boletim paulista de geografia. n.79. São Paulo: AGB, 2003.

- KAERCHER, Nestor A. Geografizando o jornal e outros cotidianos: práticas em Geografia para além do livro didático. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos (org). CALLAI, Helena Copetti, KAERCHER, Nestor André. Ensino de geografia – Práticas e textualizações no cotidiano. 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2000.

- LAMOUNIER, Lúcia. O que é indústria cultural. In: PORTAL da indústria cultural. Disponível em <http://www.indcultural.hpg.ig.com.br> Acesso em: 25 ago. 2006.

- LASSWELL, Harold D. A estrutura e função da comunicação na sociedade. In: COHN, Gabriel (org.). Comunicação e indústria cultural. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

- MENDES, Leonardo Vieira. Uma análise geográfica do SENAI no sudeste goiano: a (re) qualificação do trabalho em debate. In: REFLEXÃO acerca de algumas questões de geografia e do trabalho, na sociedade do capital. Presidente Prudente: UNESP, 2004. Disponível em: <http://www.igeo.uerj.br/VICBG-2004/>. Acesso em: 20 dez. 2006.

- MOREIRA, Igor. O espaço geográfico – Geografia geral e do Brasil. 46 ed. São Paulo: Ática, 2000.

- QUEIROZ, Ivan, da S. A cidade sitiada: da violência consentida ao medo com sentido. In: OLIVEIRA, A., PONTUSCHKA, N. (Orgs.). Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa. São Paulo: Contexto, 2002.

- RODRIGUES, Arlete M. Geografia e violência urbana. In: In: OLIVEIRA, A., PONTUSCHKA, N. (Orgs.). Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa. São Paulo: Contexto, 2002.

- STONE, Philip J. A análise de conteúdo da mensagem. In: COHN, Gabriel (org.). Comunicação e indústria cultural. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

- VESENTINI, José William. O que é geografia crítica. In: GEOCRÍTICA – Geopolítica: ensino de Geografia. Disponível em <http://www.geocritica.com.br/geocritica.htm> Acesso em: 10 nov. 2006.

- STONE, Philip J. A análise de conteúdo da mensagem. In: COHN, Gabriel (org.). Comunicação e indústria cultural. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

- VESENTINI, José William. O que é geografia crítica. In: GEOCRÍTICA – Geopolítica: ensino de Geografia. Disponível em <http://www.geocritica.com.br/geocritica.htm> Acesso em: 10 nov. 2006.